

## Uma Vida, Uma Cidade: Um Estudo Discursivo de uma Metonímia

Luiz Alex Silva Saraiva e Alexandre de Pádua Carriero

### Resumo

Em Itabira, em Minas Gerais, têm sido buscadas alternativas futuras em face de um cenário de esgotamento da atividade de mineração. A cultura tem sido mobilizada como um dos principais caminhos nesse sentido, o que ocorre particularmente por meio da exploração da figura de Carlos Drummond de Andrade como eixo de um processo econômico complexo que tem influenciado a dinâmica simbólica local. Neste texto, por meio da análise do discurso, o objetivo é examinar uma narrativa individual que, metonimicamente, espelha o movimento da cidade, de migração da mineração para a cultura. A análise da trajetória do entrevistado, que de operário da mineração se tornou um poeta, sugere que, embora seja relativamente comum atribuir características humanas para tratar de cidades, pessoas como o entrevistado é que conferem sentido à urbe e à sua dinâmica. O trabalho traz duas contribuições principais: em primeiro lugar, verifica-se atualmente um processo de “fabricação” de vocações em Itabira, a qual, embora tenha inspirado muitos dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, não é “naturalmente” cultural, sendo esse processo orquestrado pela necessidade de diversificação da economia local. A segunda contribuição é politizar a ideia de cidade, considerando-a, essencialmente, o que o seu povo é.

### Palavras-chave

Narrativa Biográfica. Cidade. Metonímia. Análise do Discurso.

### Abstract

In Itabira, Minas Gerais, Brazil, alternatives have been searched in a scenery of ending of mining activities. Culture has been approached as one of main paths in this sense, occurring mainly through the exploitation of Carlos Drummond de Andrade, the poet, as the basis for a complex economic process that has influenced local symbolic dynamics. In this paper, through discourse analysis, our goal is to examine an individual narrative, which, metonymically, reflects city movement, from mining to culture. The analysis

of the interviewee, who turned from a mining worker to a poet, suggests that people as the interviewee actually makes the city and its dynamics. This paper brings two main contributions: first, in Itabira there is a process of vocation “fabrication”. This city, despite the fact that it worked as inspiration for many poems by Carlos Drummond de Andrade, is not “naturally” cultural: this is a process that occurs, because there is the need to diversify local economy. The second contribution has to do with politicizing the idea of city. A city is, essentially, what its people is.

**Keyword** Biographic Narrative. City. Metonymy. Discourse Analysis.

## INTRODUÇÃO

Embora tenha pouco mais de 160 anos de idade, Itabira só conseguiu dinamizar sua economia e alcançar um desenvolvimento considerável (atualmente conta com pouco mais de cento e dez mil habitantes) a partir da instalação da Companhia Vale do Rio Doce – CVRD (hoje denominada Vale), em 1942, o que trouxe mudanças notáveis. Criada para a exploração das abundantes jazidas de minério de ferro do quadrilátero ferrífero de Minas Gerais, a Companhia Vale do Rio Doce foi uma das mais importantes empresas estatais até 7 de maio de 1997, quando foi privatizada e adquirida pelo Consórcio Brasil (MARTINS, 2006). Cumpria, como Minayo (2004) sustenta, uma manifestação do Estado como empresário na região, o papel de verdadeira agência de desenvolvimento local, à qual recorriam prefeitos e a população quando demandavam algo. O intuito da industrialização de base não foi o desenvolvimento local, sendo esse apenas um desdobramento do verdadeiro objetivo: propiciar condições de desenvolvimento nacional. No caso da Companhia Vale do Rio Doce, a partir da junção do papel econômico original, a de mineradora exploradora do minério de ferro da cidade de Itabira, ela passou a constituir uma das mais importantes referências simbólicas locais (MINAYO; MINAYO, 1985). Quando isso se coloca junto à sua força econômica, sua influência na localidade termina por ser, no mínimo, expressiva, virtualmente sobre todo o tecido social<sup>1</sup>.

Nos anos 1990, com a proximidade da privatização – a qual tinha como um dos motes a necessidade do País “se livrar” de tudo aquilo que não constituísse seu papel central, incluindo-se a maior parte das empresas estatais em setores produtivos – a Vale levou a cabo<sup>2</sup> uma série de estudos sobre o potencial econômico de suas operações no Brasil (MAYRINK, 2002). Desse estudo, espalhou-se em Itabira, no início da década de 1990, a notícia de que a empresa encerraria suas operações na cidade em vinte e cinco anos. As reações foram imediatas, tendo a sociedade local se mobilizado na busca por soluções para o desafio de Itabira sobreviver sem os fartos *royalties* da exploração do minério de ferro (SILVA, 2004; SOUZA, 2007).

Data mais ou menos desse mesmo período, a ideia de resgate da figura de Carlos Drummond de Andrade como referência cultural local. O poeta, que havia saído da cidade aos dezesseis anos de idade para nunca mais retornar, constituía o elemento perfeito para a mudança do quadro local. Como completaria 100 anos de nascimento em 2002, seria particularmente oportuno evidenciar as manifestações culturais ligadas ao poeta, de maneira que, a partir do simbólico, se estabelecesse um caminho para a exploração econômica, processo esse que, não por acaso, contou com o apoio da agora rebatizada Vale (SARAIVA, 2009).

Para procurar uma aproximação com as possibilidades de compreensão desse fenômeno, examina-se uma narrativa individual por meio da análise do discurso, pois se pressupõe que, metonimicamente, ela espelha o mesmo movimento da cidade, de migração da mineração para a cultura. Esse processo inseriu-se em uma estratégia qualitativa de pesquisa, mais adequada à natureza dos fenômenos em estudo. Este trabalho baseia-se num depoimento de pouco mais de seis horas de duração, no qual o entrevistado – doravante denominado Gonzaga – detalhou sua história de vida e por meio do qual foi possível perceber ligações estreitas com a dinâmica da própria cidade de Itabira. Em uma complexa manifestação da metonímia, a narrativa desse entrevistado coincide com, e nesse sentido espelha, ilustra, ratifica e representa, a própria trajetória da sua cidade natal. O entrevistado é do gênero masculino, tinha na época da entrevista 56 anos, casado, com formação superior em pedagogia e atuava profissionalmente como empresário do ramo cultural.

Seu depoimento requereu a interpretação do mundo real da perspectiva dos sujeitos da sua investigação, o que levou à adoção da vertente francesa da técnica da análise do discurso, um conjunto de instrumentos metodológicos que sistematizam a abordagem de textos diversos usada na busca por uma melhor compreensão de um discurso, ao aprofundar suas características gramaticais às ideológicas e outras, além de extrair os aspectos mais relevantes. Essa abordagem considera que qualquer discurso, seja ele enunciado na forma escrita ou falada, traz aspectos explícitos, implícitos e silenciados (FIORIN, 2004).

O conjunto de procedimentos da análise francesa do discurso adotado desvendou as estratégias discursivas de persuasão ideológica dos diversos textos produzidos pelos distintos atores (BAKHTIN, 2009). Procurou-se, assim, analisar o discurso de forma contextualizada, isto é, a partir das condições sócio-históricas em que ele foi produzido e no contexto em que foi disseminado. Como os discursos apresentam uma complexidade composta por diversos elementos, procedeu-se à identificação e análise<sup>3</sup>: a) da análise lexical; b) dos temas e figuras (explícitos ou implícitos) dos discursos, inclusive os personagens; c) dos percursos semânticos, estruturados a partir dos temas e figuras; d) dos aspectos interdiscursivos; e) dos aspectos da sintaxe discursiva; f) dos aspectos refletidos e refratados nos discursos; g) das condições sociais de produção dos discursos; h) dos discursos presentes no texto; i) dos aspectos ideológicos defendidos nesses discursos; j) dos aspectos ideológicos combatidos nesses discursos; e k) da posição do texto em relação ao discurso hegemônico na sociedade em que se situa.

## **EM UMA HISTÓRIA DE VIDA, A HISTÓRIA DE UMA CIDADE**

Saraiva (2009), em seu estudo sobre a dinâmica simbólica em Itabira, identificou cinco fases principais da história da cidade. A primeira delas estende-se da chegada dos primeiros bandeirantes ao início da década de 1940, um período em que a exploração do ouro era o motor da economia local. A segunda fase tem seu início com a fundação da Companhia Vale do Rio Doce em 1942 e com a exploração das jazidas locais de minério de ferro, o que se estende até a década de 1980, período que marca a terceira fase, de forte crise na atividade mineradora, com reflexos diretos sobre a cidade. A quarta fase começa no início da década de 1990, época em que a cidade cresce consideravelmente a reboque do expressivo crescimento da atividade mineradora. O ano de 1997 marca o início da quinta fase da história local, ano em que a Companhia Vale do Rio Doce foi privatizada, passando a adotar uma postura radicalmente diferente das décadas anteriores. Trata-se agora de uma relação puramente econômica, que cerca o futuro da cidade de incertezas, razão pela qual se busca diversificar a economia local valorizando a cultura, contexto em que o resgate da figura de Carlos Drummond de Andrade é evidente.

### **A Construção do Imaginário Itabirano de Dependência da Companhia Vale do Rio Doce**

Gonzaga, o entrevistado, narra sua própria história, que se confunde com a história da cidade. Oriundo de uma família carente, enxergou, como tantos outros itabiranos, a oportunidade de uma vida ao ingressar na Companhia Vale do Rio Doce.

(01) Eu estava com doze para treze anos... Eu era totalmente analfabeto... Nunca tinha entrado numa escola, nem nada nesse sentido, mas já visualizei, na época, uma fonte de trabalho em Itabira, seria o quê? Vale do Rio Doce.

No fragmento discursivo (01), a interdiscursividade é explícita entre os discursos da escolaridade e da não escolaridade – e implícita entre a inteligência e a ignorância, respectivamente – o que fica evidente pelo emprego do léxico “mas”, que opõe, de forma direta, à percepção de uma oportunidade profissional (conforme a seleção lexical “fonte de trabalho”) ainda que o enunciador fosse “totalmente analfabeto”. A intenção do entrevistado de ingressar na empresa corrobora um contexto que favorecia abertamente esse comportamento, de se empregar na “Vale” (MINAYO; MINAYO, 1985).

(02) A ansiedade que eu tinha era de entrar na Vale, por quê? Eu sabia que entrando na Vale era possível, a partir daí, começar a dar um outro rumo, a questão [era] mesmo financeira. Para mim e para minha família... Fiquei aguardando, aí saiu um concurso na Vale, prestei esse concurso e passei e aí realmente eu ingressei, como funcionário da Vale.

A empresa proporcionava segurança, estabilidade financeira, e se tratava, portanto, de uma escolha “natural”, ansiada pelos itabiranos, conforme o léxico explicitamente enunciado “ansiedade”. Interdiscursivamente, a seleção lexical “outro rumo” explicita que não entrar na

Vale significava não desfrutar de condições financeiras tão interessantes. Isto é, ingressar na empresa equivalia a algo positivo, o que, aos poucos, construía na localidade um imaginário de que itabiranos “deveriam” trabalhar na Vale, pois essa constituía a melhor opção.

Contudo, embora significasse, na época, provavelmente, a melhor opção profissional para muitos, isso não equivalia a um cotidiano fácil. Os fragmentos (03) e (04) são explícitos nesse sentido:

(03) A Vale estava no início da sua expansão. Aí entrei na Vale, estava com dezoito anos... O setor que eu entrei na Vale, era um setor que era atividade de amostragem de campo... Essa era a minha função. E era [em] três horários. Na época não era... essa conscientização, sindicato, essas coisas. Você trabalhava 7 dias, 8 dias, 7 dias e folgava 1.

(04) Mas era louco para estudar. Mas não havia uma possibilidade de estar estudando, em função dos horários... A frequência me dava bomba. E aí fui levando aquela questão e aquilo foi me trazendo uma certa...uma certa agonia, né? Porque meu objetivo era trabalhar, mas eu queria continuar estudando. Porque não havia uma outra possibilidade na Vale... Isso segundo os meus superiores...se não estudasse.

No fragmento discursivo (03), a questão da distribuição dos horários de trabalho aparece como fator particularmente exaustivo. A seleção lexical “três horários” significa que o entrevistado trabalhava em turnos alternados, de acordo com escalas definidas pela organização. Assim poderia atuar de manhã num dia, dois dias depois de madrugada, na outra semana pela tarde, e assim por diante, o que implicava ter apenas o trabalho como referência, já que outros aspectos ficariam necessariamente em segundo plano. A prova é que no depoimento (04), o explícito desejo intenso de estudar (conforme as seleções lexicais “agonia” e “louco para estudar”) era impossibilitado “em função dos horários”. Estabelece-se uma interdiscursividade entre o objetivo de trabalhar, isto é, o presente pelo qual se sobrevive, e o desejo de estudar e a ascensão futura na empresa (seleção lexical “porque não havia uma outra possibilidade na Vale... se não estudasse”).

As dificuldades, contudo, não se deviam apenas a uma questão de planejamento da empresa, conforme o fragmento discursivo (05):

(05) Aí comecei a forçar... No sentido [de] pedir, [para] minha chefia que me liberasse, pelo menos em época de provas, em semanas, por exemplo, mais arrojadas, que deixasse pelo menos trocar de horário com um outro companheiro. E havia aquela ciranda entre a gente mesmo, porque... Havia uma troca de moedas mesmo. Por exemplo, se tivesse uma festa legal, ou alguma coisa para fazer e eu quisesse, além de trocar e estar submisso a contribuir a essa troca, num dia realmente que a pessoa queria essa troca, você ainda tinha que pagar algo por fora ainda. Mas mesmo assim me sujeitei... Eu muito jovem... Então a gente era submisso mesmo. Porque não tinha jeito.

O esforço para continuar estudando leva o entrevistado a “forçar” a liberação em época de provas, o que, por sua vez, implicava uma espécie de barganha com os colegas. Além de

uma questão formal, portanto, era necessária a submissão a um esquema em que o colega decidia quando iria cobrar “a troca” e ainda “era necessário pagá-lo por isso”. Observa-se a reflexão e a refração linguísticas nesse fragmento discursivo. A submissão é o aspecto refletido discursivamente, enquanto a inexorabilidade, o refratado. Aparentemente o enunciador aceitava o esquema pela sua inexperiência, o que é associado ao fato de ele lhe parecer inexorável, conforme as seleções lexicais “muito jovem” e “porque não tinha jeito”, respectivamente.

### **A Insatisfação pelo não Espaço para a Continuidade dos Estudos e seus Desdobramentos**

Não tardou para que esse processo resultasse em insatisfação, conforme pode ser verificado no fragmento discursivo (06):

(06) Aí eu fui fazer supletivo em Nova Era [...]. Indo e voltando, todos os dias... Formei em Nova Era no fundamental... Aí fiquei muito cansado, aí comecei a ter divergências na Vale, por falta de incentivo, passei nuns dois ou três concursos e não me liberava de setor e aí eu comecei... Aí que começou a surgir a questão dos meus rabiscos. Os primeiros rabiscos que eu digo são minhas neuroses. Comecei a escrever.

Valendo-se da criação do esquema supletivo, o entrevistado cursou-o em uma cidade próxima (“Nova Era”), um processo penoso, considerando-se o deslocamento constante. O cansaço associado às viagens, junto com problemas internos, explicitamente descritos como “falta de incentivo”, levaram o enunciador “a ter divergências na Vale” e, conseqüentemente, a começar a escrever. É interessante o efeito de sentido criado pelo enunciador, que coloca seu despertar literário como uma forma direta de resposta à insatisfação profissional que vivia. Nesse sentido, a aproximação da arte é uma posição ideológica, porque ela significa assumir um tipo de oposição ao cotidiano opressor: o discurso defende “os rabiscos” como liberdade, e rejeita os problemas do contexto organizacional.

A situação evoluiu para o envolvimento do entrevistado com o movimento sindical na cidade de Itabira:

(07) [...] E, enquanto isso, também veio crescendo um movimento sindical. O sindicalismo e tal. E... aquela vontade... de uma certa época, você acha que você pode mudar o mundo, né? Eu comecei a bater de frente, bater de frente... Os meus rascunhos serviram, pra fazer para um jornal, fazer uma coisa, fazer outra. Eu tinha muita disposição, muita coragem, né? E aí começou a crescer o movimento, crescer o movimento e aí eu, inconscientemente, passei a ser um formador de opinião dentro da área da Vale.

Os fragmentos discursivos (07) e (08) explicitam as condições sociais de produção dos discursos do entrevistado. O avanço da ideia do sindicalismo na cidade foi ao encontro das insatisfações pessoais e do engajamento (seleções lexicais “muita disposição, muita coragem”)

do enunciador, tendo seus “rascunhos” o alçado a uma condição diferenciada na empresa, a de “formador de opinião”, conforme o fragmento discursivo (07). O texto seguinte também é ilustrativo desse período:

(08) Eu dentro já de uma desesperança, né? Porque... aí eu já estava com mais ou menos uns dez anos de Vale, né? Já via que eu estava queimado numa série de possibilidades... Não me mandavam embora porque... o que me mandava... [eu] procurava fazer o melhor possível, porque eu sabia que se eu deixasse o meu na reta, eles metiam em mim o ferro, né? Mas, ao contrário, também me estagnava. Não me deram nada, nada, nada, nada. As promoções que eu recebia, sempre por antiguidade. Por merecimento, não. Aí... O pessoal foi mobilizando, mobilizando, mobilizando, e com aquilo veio realmente a greve, um grande movimento sindical.

Parte do engajamento deve-se ao percurso semântico da “desesperança”, pois o entrevistado “já estava com mais ou menos uns dez anos de Vale” e percebia suas oportunidades diminuírem (conforme a seleção lexical “já via que eu estava queimado numa série de possibilidades”). Não ocorria desligamento por parte da empresa devido ao empenho profissional, uma vez que “o que me mandava... [eu] procurava fazer o melhor possível”, embora tal comportamento provavelmente tenha sido instrumentalizado para evitar punições, conforme a seleção lexical “porque eu sabia que se eu deixasse o meu na reta, eles metiam em mim o ferro, né?”. Todavia, isso não evitava represálias, concretizadas principalmente pela estagnação, pois as promoções recebidas aconteciam sempre associadas à antiguidade. De acordo com o entrevistado, “não me deram nada, nada, nada, nada”. A repetição do léxico “nada” cria o efeito de sentido de enfatizar explicitamente a dimensão da estagnação, e implicitamente, de mostrar a insatisfação do enunciador. Porém, retaliações mais intensas não tardaram a chegar:

(09) Veio a greve, foi uma semana de greve. Terminou-se a greve... Com tudo o que aconteceu, voltei para a área. Minha área era lotada de 111 funcionários, parei só eu (risos)... Voltamos ao trabalho. Com três dias, recebi um comunicado que era para aguardar em casa. E nesse aguardar em casa, não se explicava muito não. E que não precisasse se preocupar, nem nada não. Os dias estavam correndo e recebendo normalmente... Mas que ficasse em casa. Não viesse para a área, não. E assim eu fiz. Como outros colegas, não fui só eu não, foram vários, todos aqueles que foram identificados em jornal, foram identificados em piquete, foram identificados em ônibus, tentando conscientizar o pessoal, todos esses aí tiveram... Tiveram essa condição.

No fragmento discursivo (09), o enunciador estabelece o percurso semântico do “exílio”, uma vez que sua punição é o afastamento do ambiente profissional, onde estavam seus colegas (“111 funcionários”) e uma parte importante da sua vida. Havia uma espécie de compensação financeira, uma vez que ele se encontrava “recebendo normalmente”, mas com a condição de “que ficasse em casa. Não viesse para a área, não”. Tal situação foi compartilhada com outros colegas identificados por tentar “conscientizar o pessoal”.

E a demissão não tardou a chegar, conforme o texto (10):

(10) Fui mandado embora da Vale, aí eu comecei a estudar o que é que eu faria fora da Vale... Aí nesse período... Eu peguei o meu acerto, comprei um telefone, né?... Comprei um passatinho e falei assim: vou aprender a linguagem de venda, né?... Virei muambeiro um certo tempo... [Aí] começou... um lado muito mafioso da coisa... Eu falei assim “ah, eu vou parar de mexer com isso”... Nessa época foi bom que eu conheci uma região muito boa, mas as minhas neuroses..., meus rabiscos não pararam. Continuaram comigo, continuei rabiscando... Uma hora escrevia, um jornal queria, por exemplo, publicar algumas coisas, publicava. Outro que não queria, e aí fui levando.

Como se, de certa forma, já estivesse preparado para isso, o enunciador não detalha muito esse momento, apenas registra brevemente que foi “mandado embora da Vale”, refratando a perda da estabilidade e refletindo linguisticamente o processo de desligamento da empresa em função de uma série de acontecimentos.

### **A Demissão da Empresa e o Início de Novos Desafios Profissionais**

De forma aparentemente muito prática, o entrevistado começa a “estudar o que... faria fora da Vale”, tendo decidido adquirir uma linha telefônica, algo valorizado na época, e um automóvel (seleção lexical “passatinho”), e se dedicar ao mundo das vendas: “virei muambeiro”, isto é, um comerciante de mercadorias sem registro oficial, o que abandonou após algum tempo porque “começou... um lado muito mafioso da coisa”.

O fragmento discursivo (10) reflete a luta pela sobrevivência de recém-demitidos, que precisam encarar diversos desafios profissionais para se manterem longe de um contexto com ambiente estável. É refrata o abandono da condição de “muambeiro” por conta de uma súbita consciência da contravenção. É um implícito pressuposto que esse enunciado assumo o discurso hegemônico da sociedade de que ocupações profissionais, por menos vantajosas que se apresentem, precisam ser lícitas. Outro ponto que salta aos olhos é que, tal como antes, o foco profissional não apagou “os rabiscos”. Mesmo o entrevistado estando ocupado com viagens profissionais, ele não parou de escrever e de, eventualmente, publicar seus escritos.

Ainda no ramo do varejo, a próxima fase profissional foi criar um bar:

(11) Mas nesse intervalo aí... Eu tinha comprado... Um pedacinho de terreno, que era um ponto estratégico, de uma certa forma, né? Aí fiz o barzinho que era um lanchonetezinha... Pequeninha e tal... Um quatro, cinco mesas dentro, um balcão, aquela coisa toda. Eu falei assim, “o resto aqui é criatividade”... O barzinho pegou. Pegou, porque eu comecei a mexer, é... Peguei o gosto pela cozinha, criar, alguma criatividade de alguma coisa, de outra e tudo... E com ele eu comecei... Bati o primeiro... a primeira laje, fiz a parte do restaurante, fiz a parte do hotel.

Deixando de lado a vida nômade de “muambeiro”, o entrevistado estabeleceu-se como proprietário de um “barzinho que era um lanchonetezinha... pequeninha”. A seleção

lexical com vocábulos no diminutivo dá uma dimensão de investida inicial, que depende de um tempo de maturação para se consolidar. O que é confirmado adiante, quando, do barzinho, foram erigidos um restaurante e um hotel. Outro ponto interessante é que Gonzaga explicita ter ampliado seus horizontes profissionais mais uma vez, de acordo com a contingência: “peguei o gosto pela cozinha, criar, alguma criatividade de alguma coisa, de outra e tudo”.

Essa agitação no que se refere ao trabalho ainda impedia Gonzaga de prosseguir seus estudos, conforme o fragmento discursivo (12):

(12) Eu estava muito cansado, voltei a estudar... Comecei a... Fazer... Pedagogia em João Monlevade... Voltei de Monlevade, fiquei impossibilitado, porque eu tinha que retomar o meu comércio e ali pra mim, deu vontade até de suicidar, sabe? Porque eu falei assim, “sou um incompetente, rapaz, não consegui fazer minha faculdade”.

No início do texto (12), o enunciador alega explicitamente que na época estava cansado, embora não se refira claramente à causa. O implícito pressuposto é o cansaço ocasionado por um trabalho em que ele não conseguia se sentir realizado, o que faz sentido se for observado o restante da sentença, “voltei a estudar”. O efeito de sentido criado pela enunciação é que estava cansado e por isso retornou aos estudos. Contudo, o entrevistado não logrou êxito nesse primeiro momento. Por uma questão de sobrevivência “porque eu tinha que retomar o meu comércio”, ele interrompeu a faculdade, o que teve consequências difíceis, haja visto o emprego da seleção lexical “deu vontade até de suicidar”. Observa-se, nesse texto, interdiscursividade tanto entre o discurso do cansaço do cotidiano profissional e do prazer do ambiente escolar, quanto entre o discurso do desejo de realizar um sonho e o da frustração pela necessidade de sobrevivência.

## **A Aproximação da Cultura como Possibilidade Profissional**

Possivelmente por conta da necessidade, uma nova fase profissional se inaugura, em que Gonzaga se dedica à produção cultural:

(13) Você imaginar hoje a Cidade Negra, Chitãozinho e Xororó... A Legião Urbana, todos que estiveram aí, eu trabalhei... Eu punha a produção, por exemplo, esse pessoal que montava palco comigo e tudo. E com isso eu aprendi... A montar camarim... E comecei a montar camarim e comecei a montar camarim de Itabira, comecei a montar nessas cidades.

Atuando inicialmente na montagem de palcos de shows que aconteciam na região, o entrevistado aprendeu a “montar camarim” para atender às necessidades dos artistas. Em face da ausência de comentários depreciativos sobre essa fase da vida profissional, um implícito pressuposto é o de que, por atuar no meio cultural, o trabalho se tratava de algo mais satisfatório, uma vez que ele tinha a oportunidade de lidar diretamente com artistas de renome nacional, conforme as seleções lexicais “Cidade Negra”, “Chitãozinho e Xororó”,

“Legião Urbana”.

E a poesia foi ganhando espaço na vida de Gonzaga como forma de realização pessoal, conforme o texto (14):

(14) A poesia para mim continua, porque está impregnado, eu gosto disso, [mas] eu... Não tenho a condição de viver disso, sabe? Viver disso, viver da literatura, que até então o que eu faço eu nem sei se é literatura ainda, eu vou ter que passar por uma série de críticos aí, né? E às vezes eu nem vejo como literatura. Porque isso você sabe muito bem que funciona é assim, né? Mas eu virar e falar assim: ah, minha poesia é boa, minha poesia é ruim, sei lá, coisas que às vezes no tempo não valeu, a própria história foi lá e resgatou e trouxe para cá, e hoje é o que é.

A frase inicial do fragmento discursivo (14) é impactante, porque fornece uma pista de por que a trajetória de Gonzaga é tão fragmentada do ponto de vista profissional: “a poesia para mim continua, porque está impregnado, eu gosto disso, [mas] eu... não tenho a condição de viver disso, sabe?”. Ser poeta faz parte do que ele é. Porém, isso não significa que tenha condições de sobreviver como poeta, razão pela qual ele atuou de operário a “muambeiro”, de cozinheiro a hoteleiro, de produtor cultural a empresário. Mais uma vez, apresenta-se a interdiscursividade entre “o que se quer” fazer e “o que se tem” de fazer, isto é, entre o desejo de ser poeta e a necessidade de sobrevivência, que leva a múltiplos papéis profissionais.

Para o enunciador, a poesia não diz respeito apenas a uma forma de realização pessoal; também constitui um meio de se posicionar em relação ao que não lhe parece adequado no mundo, conforme o fragmento discursivo (15):

(15) Hoje, faço parte de uma ONG que está em um bairro que chama Sem Terra... porque os caras estão lá nas margens... Eu falei “não... vocês vão colocar o nome desse bairro lá, Bairro Drummond”. O Drummond..., eu, como poeta, ele está para ver as mazelas também, ele está pra ver o que está nas margens, também, ele foi muito sensível em relação a essas coisas.

No texto (15), é interessante que o enunciador se refira aos habitantes do bairro “Sem Terra” como “os caras [que] estão lá nas margens”. O efeito de sentido criado pela enunciação é o de que a terra pertence aos que estão no centro, e não aos que se encontram na periferia. Por isso esses não tem terra. Ser “sem terra”, assim, é menos uma questão de situar-se em um dado espaço geográfico do que em um espaço social, o que reitera os argumentos de Pierre Bourdieu (2000).

Outro ponto de destaque no fragmento discursivo (15) é a sugestão aos moradores do bairro para que o batizassem de “Bairro Drummond”. O ilustre itabirano, apontado por muitos como o mais importante poeta brasileiro, representa um dos motivos pelos quais a cidade de Itabira tem de se orgulhar. Ter seu nome associado a um bairro pobre, na periferia, seria tanto irônico quanto provocativo, pois “O Drummond, eu, como poeta, ele está para ver as mazelas também, ele está pra ver o que está nas margens, também, ele foi muito sensível em relação a essas coisas”. Isso significa que a poesia pode ser usada como meio de denunciar

os problemas sociais, como Drummond sistematicamente fez com muitos dos seus poemas sobre o progresso destruidor à sua cidade natal, trazido pelas atividades de mineração.

## DISCUSSÃO

A análise da trajetória do entrevistado, que, de operário da mineração se tornou um poeta, sugere que, embora seja relativamente comum atribuir características humanas para tratar de cidades, pessoas como o entrevistado é que conferem sentido à cidade e à sua dinâmica. A metonímia que se verifica nesse estudo se dá por meio de “uma parte” da cidade – um cidadão, cujo nome fictício é Gonzaga – que, ao discorrer sobre sua própria história, permite que se compreenda “o todo”, a dinâmica histórica de sua cidade natal, Itabira, em Minas Gerais.

Já que se está tratando aqui de história de vida, é natural que o entrevistado não tenha se pautado por qualquer referência que não fosse relacionada estritamente à sua própria história. Sua narrativa, nesse sentido, não coincide com a primeira fase da história de Itabira definida por Saraiva (2009). Pressupõe-se que não apenas por conta da autorreferência isso aconteça, mas também porque o período citado compreende mais de duzentos anos, da chegada dos primeiros bandeirantes até 1940. Portanto, antes da atividade de exploração de minério de ferro ter se institucionalizado. E como essa é uma referência central para o povo itabirano, é esperado que a história antes disso seja algo distante.

O primeiro período da história de vida de Gonzaga constitui uma metonímia perfeita do segundo período apontado por Saraiva (2009). Assim que a Companhia Vale do Rio Doce foi fundada, passou a ser forjada uma espécie de identidade local fortemente permeada pela presença dessa organização. Ela passa a ocupar todos os espaços, substituindo inclusive o poder público em várias instâncias e contribuindo para a formação de um imaginário local de dependência com relação à empresa. O mesmo verifica-se na história de Gonzaga, que em face de dificuldades econômicas, aposta em um curso de formação profissional para poder ingressar na Companhia Vale do Rio Doce, garantindo estabilidade, assim, para si e para a sua família. Esse processo em um primeiro momento deixou de lado qualquer tipo de problema ligado ao ritmo, horário ou jornada de trabalho: o importante era estar na Vale.

Em um segundo momento da história de vida do enunciador, contudo, ele começa a dar sinais de insatisfação pelas elevadas exigências da empresa, que o impediam de dar continuidade aos seus estudos. Esse era um elemento fundamental para Gonzaga, que começa, sem muito sucesso, a pressionar os superiores para conseguir liberação para frequentar a escola. Não ter conseguido êxito nesse sentido o levou a se aproximar do movimento sindical e a influenciar seus colegas por meio das suas ideias. A empresa retaliou tal comportamento, estagnando a carreira de Gonzaga e, posteriormente, demitindo-o.

Na terceira etapa da história de vida do entrevistado, tendo em vista a inexistência de um vínculo que lhe garantisse estabilidade, Gonzaga investe em várias carreiras, de acordo com a sua atratividade, conforme as contingências. Assim, foi “muambeiro”, cozinheiro de seu próprio bar, dono de restaurante, dono de hotel e produtor cultural.

Essa última carreira, que inicia a quarta etapa da história de vida observada, aproximou o entrevistado do setor cultural, permitindo que travasse contato com um universo que sempre o atraía, mas ao qual nunca pôde se dedicar em função de, objetivamente, precisar sobreviver, o que não era possível na cidade de Itabira dedicando-se à cultura, em geral, e à poesia, em particular.

Os três períodos seguintes da história de vida de Gonzaga também constituem metonímias da história de Itabira, ainda que não de forma tão definida quanto o primeiro. O que se observa é uma mistura de elementos da trajetória pessoal que refletem o que se passava na cidade em diversos momentos. A insatisfação com a empresa, que levou Gonzaga a se aproximar do sindicato, por exemplo, coincide com a emergência de um terceiro setor forte na cidade (LIMA, 2002). Ainda que as organizações não governamentais tenham proliferado em Itabira por conta de estímulos da Companhia Vale do Rio Doce, que demandava um contato mais articulado com a população, em um segundo momento, isso não significou subserviência, mesmo considerando o poder econômico dessa organização na localidade (PIMENTA; BRASIL; SARAIVA, 2006).

A possibilidade de muitos não viverem “à sombra” da grande mineradora coincide com a etapa da história de vida do entrevistado, que busca, em diversas experiências profissionais, sobreviver em uma cidade de pouco mais de 110 mil habitantes. Isso significa investir em trajetórias e possibilidades em muitos casos incipientes, num contexto que espera muito da atividade mineradora. Talvez isso, associado a uma inquietude pessoal, tenha levado Gonzaga a tentar o sucesso em tantas e tão distintas áreas como o varejo informal, o varejo de alimentação e bebidas, a hotelaria e a produção cultural. O que outros itabiranos teriam feito se não desejassem sair de sua cidade natal? Provavelmente, investido em possibilidades – o que Gonzaga fez.

A quarta etapa da história de vida de Gonzaga é particularmente metonímica da história itabirana. A aproximação da cultura é precisamente o que ocorre na cidade nesse momento, conforme Saraiva (2009). Tendo em vista o “esfriamento” da relação da Vale com a cidade, desde a privatização, a natural diminuição das reservas de minério de ferro da cidade depois de décadas de mineração, e a exploração de outras jazidas, não é improvável que a empresa encerre as suas operações na cidade. Isso endereça aos governantes e à população em geral o desafio de buscar alternativas. Um dos caminhos mais promissores parece ser o setor cultural em geral, e a exploração da infraestrutura ligada a Carlos Drummond de Andrade, em particular. O movimento de afastamento da mineração e aproximação da cultura que experimentou Gonzaga, mais uma vez, é semelhante ao da cidade de Itabira, o que faz dessa história de vida uma notável metonímia da própria história local.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste artigo foi examinar uma narrativa individual que, metonimicamente, espelha o movimento de uma cidade, de migração da mineração para a cultura. Para tanto, o estudo baseou-se em uma história de vida de um itabirano, Gonzaga, que narrou, em

um depoimento individual, sua própria trajetória. Através da análise francesa do discurso, diversos fragmentos discursivos desse depoimento foram tratados por meio de procedimentos específicos, tendo sido constatada grande similaridade entre a história de vida de Gonzaga e a história da cidade de Itabira, Minas Gerais.

As principais contribuições, nessa linha de raciocínio, referem-se a dois aspectos. O primeiro diz respeito à questão das vocações de um lugar. Se a mineração na cidade de Itabira só se estabeleceu como atividade econômica por conta de ali haver uma importante jazida de minério de ferro, verifica-se atualmente um processo de “fabricação” de vocações. Essa cidade, embora tenha inspirado muitos dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, não é “naturalmente” cultural, sendo esse processo deliberadamente orquestrado pela necessidade de diversificação da economia local e pela oportunidade ligada a Carlos Drummond de Andrade. Possivelmente, se o horizonte da mineração fosse mais amplo, dificilmente o poeta deixaria de ser apenas uma vaga referência, como o é para a maioria da população (SARAIVA, 2009).

A segunda contribuição é politizar a ideia de cidade, considerando-a, essencialmente, o que o seu povo é. Bairros, logradouros, edificações, nada disso tem sentido sem as pessoas que ali habitam, pois são elas que conferem vida à cidade e à sua dinâmica (SARAIVA; CARRIERI, 2012). É o povo, nesse sentido, que constitui as cidades. Isso não implica ignorar as diferenças urbanas objetivas entre as localidades; mas considerar que, se são mais ou menos atraentes, acolhedoras, são as pessoas que ali habitam que concretizam essas características. As representações sociais do povo sobre si próprio são indicadores interessantes da cidade, já que os comportamentos são baseados nas representações. Assim, a trajetória de vida apresentada concretiza uma metonímia da cidade, à medida que personifica sua dinâmica histórica e suas possibilidades de resignificação.

## NOTAS

- 1 Tal situação assemelha-se à que Baptista e Saraiva (2005) descreveram no setor siderúrgico, segmento em que empresas como a CSN em Volta Redonda (RJ), a Usiminas em Ipatinga (MG), e a Acesita em Timóteo (MG), entre outras, atuavam da mesma forma em suas respectivas regiões.
- 2 Não se toma por natural o processo de reificação, um tanto quanto comum na bibliografia especializada da área de Administração. As organizações nada fazem; são os indivíduos que nelas trabalham que atuam. Todavia, não é inadequado que, no espírito deste texto, a partir deste momento, se possa atribuir à cidade, e à Vale, só para ficar nesses exemplos, ações humanas. Trata-se, a rigor, de uma figura de linguagem, a prosopopeia, que será usada como recurso discursivo.
- 3 Esse roteiro é utilizado, para fins didáticos, pelo Professor Doutor Antonio Augusto Moreira de Faria, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, para a análise do discurso na vertente francesa.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009. 200 p.
- BAPTISTA, R. D. G. S.; SARAIVA, L. A. S. As (Novas) Práticas Pós-Privatização de Atuação Comunitária em Seis Empresas do Setor Siderúrgico Brasileiro. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v.12, n.1, p. 1-17, jan./mar. 2005.
- BOURDIEU, P. **O Campo Econômico: a Dimensão Simbólica da Dominação**. Campinas: Papirus, 2000. 119 p.
- COSTA, C. B. Uma História Sonhada. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 52-65, 1997.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004. 88 p.
- LIMA, J. C. F. **A Sociedade Civil de Itabira na Década de 90 e a Democratização do Poder Local: Avanços e Dificuldades**. 2002. 124 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho, Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2002.
- MARTINS, M. P. **Atlas de Itabira**. Itabira: Prefeitura Municipal de Itabira, 2006. 138 p.
- MAYRINK, G. (Ed.). **Histórias da Vale**. São Paulo: Museu da Pessoa, 2002. 270 p.
- MINAYO, M. C. S. **De Ferro e Flexíveis: Marcas do Estado Empresário e da Privatização na Subjetividade Operária e suas Repercussões na Saúde**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 458 p.
- MINAYO, M. C. S.; MINAYO, M. **Os Homens de Ferro**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1985. 210 p.
- PIMENTA, S. M.; BRASIL, E. R.; SARAIVA, L. A. S. Gestão e Competências em Organizações do Terceiro Setor. **Revista de Administração da Fead-Minas**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 123-142, jun. 2006.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SARAIVA, L. A. S. **Mercantilização da Cultura e Dinâmica Simbólica Local: a Indústria Cultural em Itabira, Minas Gerais**. 2009. 333 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- \_\_\_\_\_; CARRIERI, A. P. Organização-Cidade: Proposta de Avanço Conceitual a Partir da Análise de um Caso. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 547-576, mar./abr. 2012.

\_\_\_\_\_ ; IRIGARAY, H. A. R. Notas sobre a mercantilização do substantivo. **Gestão & Planejamento**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 79-90, jan./jun. 2010.

SILVA, M. G. S. **A Terceira Itabira**: os Espaços Político, Econômico, Socioespacial e a Questão Ambiental. São Paulo: Hucitec, 2004. 254 p.

SOUZA, M. R. G. **Da Paciência à Resistência**: Conflitos entre Atores Sociais, Espaço Urbano e Espaço de Mineração. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2006. 183 p.

**Luiz Alex  
Silva Saraiva**

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade  
Federal de Minas Gerais. Email: saraiva@face.ufmg.br.

**Alexandre  
de Pádua  
Carrieri**

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
Professor Titular da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade  
Federal de Minas Gerais. Email: alexandre@face.ufmg.br